



A COMUNIDADE GÍMNICA: UM BREVE PENSAR A PARTIR DA IDENTIDADE-REFERÊNCIA E O “GINASTA”

THE GYMNIC COMMUNITY: A BRIEF THINKING FROM REFERENCE IDENTITY AND THE “GYMNAST”

Marcela Ettinger Nascimento¹

¹marcela.nascimento@fatec.sp.gov.br

RESUMO: A literatura, sob sua tutela, segue as rédeas das normas gramaticais, desfrutando de complexos significados e da ordem algorítmica da retórica. Não cede às criações do automatismo ou da ilógica, antes, ergue-se como um guardião da razão e sapiência, controlando meticulosamente e estreitamente cada aspecto da expressão literária ou científica. A rigidez moral é sua bússola, e a academia, seu altar de devoção, *academia est ara*. Seu primeiro e único objetivo é imobilizar o que não é lógico e que não possui a mesma regra de *corpus* e *cogitatio* — corpo e pensamento — que o dele, parar o ilógico, o estranho [sinistro], fora da racionalidade aristotélica, e controlar aquilo que está próximo de ser tolerável, tanto em argumento como em conduta. Esse é o gímnico ditado nesta pesquisa.

PALAVRAS CHAVES: Identidade, Currículo Gímnico, Padrões Culturais, Comunidade Postulada

ABSTRACT: Literature, under its tutelage, follows the rules of grammatical norms, enjoying complex meanings and the algorithmic order of rhetoric. It does not give in to the creations of automatism or illogic, rather, it stands as a guardian of reason and wisdom, meticulously and closely controlling every aspect of literary or scientific expression. Moral rigidity is your compass, and the academy, your altar of devotion, is the academy. His first and only objective is to immobilize that which is not logical and that does not have the same rule of *corpus* and *cogitatio* — body and thought — as his, to stop the illogical, the strange [sinister], outside of Aristotelian rationality, and to control that which is near to being tolerable, both in argument and conduct. This is the gymnastics dictated in this research.

KEYWORDS: Identity, Gymnastics Curriculum, Cultural Patterns, Postulated Community





1. INTRODUÇÃO

De acordo com a ideologia do novo liberalismo, a posse de um *corpus athletium* tornou-se essencial para a construção de uma *identitas referentialis*, aqui entendida como gímnico — que embora seja um adjetivo que significa ginástica neste pensar seu sentido é mais amplo. No seio da academia, o gímnico se ergue qual ícone inabalável de vigor e disciplina. Seu *corpus*, uma obra esculpida com devoção, transcende meros contornos físicos, tornando-se a personificação da pureza atlética, *castitas athletica*.

Desdenha os caprichos da linguagem diafásica ou diastrática — caminhando sob a égide de seus cânones literários e de filosofias derivadas do estilo "nietzschiano" e "schopenhaueriano", ele desvenda os mistérios do conhecimento daquilo que vem a estar sobre seu controle, tecendo os fios da palavra e do pensamento, *verbum et cogitatio*, em uma dança sutil entre a prosa e a poesia —, acolhendo, em seu discurso, a rigidez da linguagem culta e das obras clássicas. Compreende o peso da cultura escrita, da erudição e da poesia, mantendo-se como um baluarte do conhecimento acadêmico e da refinada arte da erudição. A literatura, sob sua tutela, segue as rédeas das normas gramaticais, desfrutando de complexos significados e da ordem algorítmica da retórica. Não cede às criações do automatismo ou da ilógica, antes, ergue-se como um guardião da razão e sapiência, controlando meticulosamente e estreitamente cada aspecto da expressão literária ou científica.

A rigidez moral é sua bússola, e a academia, seu altar de devoção, *academia est ara*. Seu primeiro e único objetivo é imobilizar o que não é lógico e que não possui a mesma regra de *corpus* e *cogitatio* — corpo e pensamento — que o dele, parar o ilógico, o estranho [sinistro], fora da racionalidade aristotélica, e controlar aquilo que está próximo de ser tolerável, tanto em argumento como em conduta. Esse é o gímnico ditado nesta pesquisa¹.

Nesse contexto, o *corpus*/corpo do ginasta euro-estadunidense é elevado à condição de modelo, representando o *corpus moralis* ideal e desejado, enquanto outros *corpus* são relegados à invisibilidade e desvalorização. A exclusão e a padronização persistem nas práticas educacionais, marginalizando *corpus* e culturas que não se encaixam nos padrões estabelecidos.

É fundamental repensar o sistema educacional — principal meio de perpetuação da regra gímnica, excepcionalmente por meio do currículo — em busca de maior igualdade e inclusão. A invisibilidade das culturas não conformes com os padrões tradicionais é um problema que requer solução. Uma escola verdadeiramente inclusiva deve ser prioridade, valorizando a diversidade cultural e proporcionando igualdade de oportunidades a todos os alunos, independentemente de sua origem étnica ou cultural.

¹ O gímnico foi concebido à imagem da classe alta, burgôes — grande burguês — ou burgonetes — pequeno burguês —, imbuída de educação nos clássicos cânones da filosofia e literatura moral — se não judaicocristã —, imersa no seio de um currículo acadêmico refinado, meticuloso. Possui acesso a uma cultura a partir da identidade-referência requintada e a iguarias que, para a maioria, permanecem inatingíveis. Escreve sem nódoas, sem admitir a menor falha, venerando uma gramática culta e nada neológica. É indubitavelmente letrado, e seu letramento é uma busca incessante, que persiste até o último suspiro, pois seus estudos não se limitam aos bancos colegiais ou universitários. Além disso, desfrutam do privilégio diário de orientação acadêmica, supervisão, tutoria e reuniões periódicas em seus círculos de estudos — se não uma câmara de eco —, onde apreciam o que a maioria da população sequer vislumbra. Diante da comunidade menos favorecida, ostentam com orgulho sua profusão de recursos, incluindo o acesso desimpedido a cursos e tecnologias que servem exclusivamente aos seus interesses. Controlam, monitoram e, quando necessário, castigam os menos afortunados, em virtude de sua não conformidade a dominância dos ideais eruditos que eles próprios exaltam — ou seja, em virtude do que não dominam e não podem dominar.





Nesse contexto de exclusão e padronização, é evidente que a preferência por atividades relacionadas à ginástica euro-estadunidense afasta tanto alunas quanto alunos de suas identidades únicas e da riqueza da diversidade cultural que os caracteriza — id. est., um dos itens que busca-se é discorrer neste estudo como o pensamento da comunidade gímnica desenvolve-se e exclui por meio do currículo institucional. É urgente repensar e transformar o sistema educacional, alinhando-o com princípios de igualdade e justiça, proporcionando uma educação que celebre a diversidade e permita que todos os alunos se sintam valorizados e representados em suas identidades. A construção de uma escola inclusiva é uma necessidade incontestável para o progresso social e educacional.

No entanto, a comunidade gímnica — que é uma comunidade postulada —, às vezes, se afasta das diversidades culturais — por meio, por exemplo, do currículo escolar —, marginalizando quem não segue seus padrões rígidos, afastando os alunos de suas identidades e diversidades. É crucial repensar o sistema educacional, promovendo igualdade, celebração da diversidade e inclusão, para que todos os alunos se sintam valorizados e representados. Construir uma escola inclusiva é essencial para o progresso social e educacional.

A finalidade desta pesquisa é básica, especificamente básica pura. Com o objetivo de explicar por meio de abordagem qualitativa com métodos indutivos e hipotético-dedutivo através de procedimento documental e bibliográfico. Com coleta de dados por meio de registros de dados e registros bibliográficos, como livros, artigos, textos com a análise dos dados na forma de análise do discurso e análise da narrativa [à moda dadá], ou seja, metodologia [dadá] praticada e fundamentada a partir das considerações dos estudos de Cardoso (2013).

2. O QUE PENSA A COMUNIDADE GÍMNICA?

Nota-se que de acordo com os padrões predominantes da ideologia do novo liberalismo, quando se considera uma identidade referencial ou identidade-referência — id. est., [...] identidade-referência fundada no modelo branco, masculino e euro-estadunidense que há décadas permeia a construção das subjetividades de alunas e alunos, levantando a suspeita do desencadeamento do processo de invisibilização (LINS RODRIGUES, 2013) —, é sabido que, para citar a moralidade, para citar as normas definidas de como agir, fazer, pensar, é essencial, em primeiro lugar, possuir um corpo de ginástica, *corpus gymnasticae*. Esses são os critérios contemporâneos da comunidade de identidade-referência proposta, que estão incluídos nas práticas curriculares próximas de um modelo. Pois, alguém que zela por seu corpo, de acordo com essa comunidade postulada, por meio da ginástica, com certeza também cuida de seu caráter e moralidade, uma vez que um indivíduo não pode ser considerado um sujeito decente antes que seu corpo seja validado como um corpo moral, *corpus moralis*. Nesse contexto, o corpo do ginasta, *corpus gymnasticae*, euro-estadunidense se torna a encarnação perfeita do corpo moral, *corpus moralis*, e, portanto, ele se transforma na genuína representação da moralidade, evidentemente.

Muitos autores “denunciam o padecimento da ousadia diante da colonização ainda presente nos currículos da área” que ao seu desenvolvimento surgem “disseminando representações de mundo, sociedade, homem, mulher etc.” por meio de exercícios psicomotores ou brincadeiras descontextualizadas (NEIRA, 2011, p. 40 *apud*. LINS RODRIGUES, 2013, p. 12), ou seja, um condicionamento ao corpo moral e psíquico, *corpus moralis* e *corpus psychicus*. Podem-se observar





práticas persistentes e delicadas que reforçam a validação das identidades de origem branca e suas tradições nas lições como também a reprodução de sua moralidade. Assim, é evidente que a preferência por atividades relacionadas aos movimentos e aos padrões corporais afasta tanto alunas quanto alunos de suas identidades únicas e da riqueza da diversidade cultural que os caracteriza."[...] o currículo vigente no sistema de ensino" que aqui se aponta que muitas escolas se encontram vinculadas, fundamentando-se "em premissas ocidentais, brancas e masculinas", conduzindo a pensar "sobre as relações desiguais de poder que atuam de modo a desfavorecer uma construção identitária positiva" aos alunos (LINS RODRIGUES, 2013, p. 26).

Assim, na vastidão do cenário acadêmico, a observação sagaz nos deixa entrever um triste e sutil não reconhecimento dos corpos que habitam as margens. É como se os corpos, tão diversos e ricos em culturas, que não se alinham com o referencial branco — centralizado no eixo do movimento econômico —, fossem deixados à margem do conhecimento — varridos para as laterais do imperceptível, o que não está conforme ao centro. Eis um alerta que ecoa pelos corredores sombrios da academia, um alerta que nos remete às consequências desconsideradas das culturas corporais dos "estranhos sinistros" — termo *baumaniano*.

Figura 1 – Jack Henderson, *The Winners*, 1963. Oil on canvas 40 × 25 in, 101.6 × 63.5 cm Frame included.



Fonte: Artsy. Disponível em: <https://www.artsy.net/artwork/jack-henderson-the-winners> Acesso 03 de nov. 2023.

Nesse intrincado enredamento, emergem as sombras da hierarquização. Corpos e culturas que não se encaixam nos cânones estabelecidos são sistematicamente inferiorizados. A invisibilidade se torna uma realidade dolorosa para a população discente, cujas vozes são sufocadas sob o peso da indiferença — embora brotem em altos prédios como gritos em grifos de pichação, onde o “invisível”, varrido para as margens do imperceptível, se exalta, se anuncia. Mesmo em meio aos processos de padronização, "cidadãs e cidadãos comuns, acabam, através da repetição e seleção”, ao obter êxito





em estabelecer e requerer definições de identidade para a população, “de maneira a moldá-la mais facilmente à perpetuação da cultura dominante.”. Os efeitos desta padronização são insinuados “como de volume, não absoluto, mas de proporções bem consideráveis, ecoando em várias instâncias da sociedade” (LINS RODRIGUES, 2013, p. 26).

Mas é chegado o momento de repensar que é imperativo refletir profundamente. É urgente edificar um sistema educacional mais justo e igualitário, um sistema que oriente-se pelos anseios dos menos afortunados. A trajetória do educador exige a inclusão e a universalização do ensino, juntamente com a celebração da construção histórica da igualdade. Esse chamado à reconstrução da educação ressoa com os princípios da ideologia da classe trabalhadora, que enfatizava a importância de transformar as instituições educacionais em instrumentos de emancipação social, capacitando as classes menos privilegiadas a participar plenamente na vida cultural, política e econômica da sociedade.

Pois as culturas são gravadas nas entranhas de nossas subjetividades, prevalecem-se pela hereditariedade cultural. A diferença, fruto das árduas lutas lideradas pelos movimentos sociais, abriu caminhos para o acesso a esse espaço sagrado chamado escola. No entanto, o cotidiano andragógico e pedagógico nos lembra que os mecanismos de exclusão, embora sutis, continuam a operar no âmago da instituição. Isto é, o currículo vigente no sistema de ensino — do básico ao superior —, ao qual muitas escolas podem estar subjugadas, “fundamenta-se em premissas ocidentais, brancas e masculinas” e “tal assertiva conduz ao pensamento sobre as relações desiguais de poder” que atuam “de modo a desfavorecer uma construção identitária positiva” dos alunos. “Ou seja, num contexto de enfraquecimento da autoimagem” do estudante, a aderência às “identidade-referência branca, pode se dar pela assunção de uma subvalorização identitária”, na qual a experiência do racismo enfrentada pode ser simplificada, relegando as vítimas a meros figurantes, com suas presenças cidadãs tornadas invisíveis (LINS RODRIGUES, 2013, p. 26).

“[...] é impossível não ver os constantes momentos de exclusão da população discente e suas culturas dentro da escola” (LINS RODRIGUES, 2013, p. 27). A exclusão favorece a constituição da comunidade gímnica. Quando se trata de identidade, encontramos um ponto de convergência. Tanto os discursos que nos incitam a assumir papéis sociais específicos quanto os processos que moldam as subjetividades e constroem os sujeitos que somos merecem nossa reflexão. São, afinal, partes inseparáveis do complexo tecido que é a educação. Nesse emaranhado, devemos encontrar a luz que iluminará o caminho para uma escola verdadeiramente inclusiva.

Nesse cenário, percebe-se que a comunidade mais eficaz, segundo a visão de mundo e as expressões culturais da centralizada comunidade postulada pelos gímnicos, é refinada em termos de comportamento e interiorização. Ela é a comunidade da ginástica, pessoas que seguem um hábito de exercícios estreitos e minuciosamente controlados dentro de um conjunto de regras rígidas concebidas pela identidade-referência, como por exemplo método exato de exercício de rechear o forninho e *pipear* o cachimbo ou manusear o charuto ou então a forma específica de tragar o cigarro, sempre elegante e nada afobado — o homem fuma o cigarro, o cigarro fuma o homem, o cigarro fuma o cigarro. O indivíduo forte não é apenas alguém de grande força, por exemplo, mas, acima de tudo, representa a voz do povo gímnico, moldado em seu progresso contínuo, conferindo às manifestações da vida material e física não só um caráter pessoal e egoísta, mas também uma espécie de corpo popular, *corpus popularis*, um coletivo de natureza cósmica e universal.





E tudo tem início na escola, onde a jornada do saber desabrocha, pois esta se sobressai como um recinto "construtor de uma série de gestos, posições, vontades e comportamentos caracterizando" a "educação para o corpo", ora concebida como outrora pedagogia gestual, mas agora também erigida como andragogia gestual (LINS RODRIGUES, 2013, p. 29). Na escola, inquestionavelmente, o corpo se reveste de uma linguagem peculiar, de nuances alternativas, sugerindo e ocultando seu valor educacional na orientação das atitudes físicas e psicológicas, no jogo das relações entre jovens e mestres. Entretanto, esse não é o desfecho, mas sim o início, pois na trajetória da instrução acadêmica, o domínio sobre tanto o corpo moral quanto o corpo psíquico é perpetuado, portanto, faz-se de uma questão não exclusiva da pedagogia, mas também da andragogia — *corpus moralis*, *corpus psychicus*. Partindo da concepção de Lins Rodrigues (2013, p. 29):

No processo de escolarização vigem métodos que irão permitir com eficácia "o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, sendo o que se pode chamar de disciplinas" (FOUCAULT, 2009, p. 133). O ato de disciplinar corpos estreita-se com o sentido da pedagogia gestual, na qual se indica, desde a mais tenra idade, a condução das condutas de nossas alunas e alunos, não permitindo desvios dos padrões dados como referenciais. Corpos retos, verticais e de porte rígido estão presentes nos prólogos dos estudos sobre a ginástica do século XIX e pode-se dizer que é na própria ginástica que o disciplinamento dos corpos ganha um importante espaço na formação do modelo de ser humano que se queira povoando a sociedade dentro de uma pretensa ordem coletiva (SOARES, 2005, p. 18). Afinal de contas a preocupação disciplinar para com o corpo, conferida historicamente à educação, reflete-se em nossas escolas por meio do comportamento discente, pois o "nosso corpo traz marcas sociais e históricas, portanto questões culturais, de gênero e de pertencimentos sociais podem ser lidas no corpo (NÓBREGA, 2005, p. 610).

Nesse controle minucioso, que não estaciona nas operações do corpo, mas se estende ao psiquismo, condicionando uma forma comum de pensar, refletir e imaginar, o que compreendemos como parte desse corpo psíquico, *corpus psychicus*, a cognição, o raciocínio e as produções oníricas, que são as imagens mentais, a imaginação, são moldados. O controle é estabelecido por meio de uma regra, que aqui chamamos de regra da comunidade postulada gímnica ou povo gímnico em qual se estabelece como cognição e imagem mental superficial, acrítica, insuficiente, repetitiva sem questionamento, idiota — para um *outlier* isso soa como um elogio, visto que o contrário do gímnico é um orgulhoso, e de seu modo, também com sua própria moral, embora, mais flexível — daqueles que não são gímnicos, pois tais possuem pensamento e imaginação profunda, crítica, completa, única/singular/rara, legal².

Tais considerações não deixam de atuar como uma violência e preconceito linguístico. Essa regra equivale à normalização e ao condicionamento dos hábitos do corpo e do psiquismo, isto é, à maneira como o indivíduo, neste caso, as alunas e alunos, se comportarão e, o que é ainda mais significativo, como pensarão, irão raciocinar e irão imaginar, exaltando um modelo repressor, atrofiado idealista de uma perfeição inatingível. Isso implica não apenas na disciplina do corpo moral, *corpus moralis*, e da conduta, mas também na disciplina do corpo psíquico, *corpus psychicus*. E tudo isso começa na

² Notavelmente não há nada demais em possuir um pensamento crítico, profundo, com começo, meio e fim, único, singular, raro, mas o que caracteriza um gímnico é a condição de reduzir, subestimar, inferiorizar aquilo que não está conforme o que sua comunidade define.





educação, com a imposição de uma regra vigente, tendo como ponto de partida a identidade-referência, iniciando pelo estabelecimento do currículo.

Aqueles que não fazem parte da comunidade gímnica — comunidade de um corpo enclausurado numa armadura que não se limita ao corpo físico mas a mente, *non solum ad corpus physicum, sed etiam ad mentem non coarctatur*³ —, ou seja, pessoas que não seguem um hábito sistemático de exercícios físicos, cognitivos, oníricos estreitos e minuciosamente controlados dentro de um conjunto de regras rígidas concebidas pela identidade-referência, são considerados aqui *delitantistas* [inúteis]⁴, *outliers*, o próprio estranho no meio da comunidade gímnica — comunidade disciplinada —, como um personagem autêntico na pintura grotesca realista, provocando desconforto e medo na maioria das pessoas que se enjoam ao olhar para eles, pois possuem um corpo e mente julgado avariado.

No entanto, eles continuam seguindo o caminho onde o personagem gímnico se torna notório e fortemente político, enquanto o Sileno, "O Rei Beberão"⁵, o corpo gordo, perde sua força política e sua notoriedade. Reconhecendo-se como sujeitos em uma comunidade seletiva, sujeitos que podem ser *dessubjetivados*, pois, como exceção à regra, são impedidos de serem identificados. Um modelo é erigido, definido pelos gímnicos de maneira rígida, revelado nos lugares por onde passam como excluídos e "estranhos sinistros", já que uma marca quadrada indelével lhes foi imposta, causando mais infelicidade do que progresso.

As possibilidades residem nos sonhadores do mundo dissoluto da contradição, onde a contingência se tornou eterna. O olhar externo os marca, os examina, os identifica como não identificáveis, atribuindo-lhes valores morais, sociais e éticos, concebendo um lugar ou lugares para colocá-los, e basta vê-los correndo para planejar mantê-los paralisados. Isso é antagônico à comunidade gímnica e subjugado pelas [quando boas] amarras da educação — tendo em vista que o fantástico da ficção reside na possibilidade de se tornar realidade.

³ "Não apenas ao corpo físico, mas também à mente não seja restringido", tradução minha.

⁴ Referência ao cômico modelo de conduta e pensamento de Lord Arthur Savile's do livro Wilde, Oscar. Oscar Fingal O'Flahertie Wills; tradução de Beatriz Viégas-Faria et. al.. Porto Alegre: L&PM, 2011, p. 11.

⁵ É uma paráfrase da frase de Dinis Calixto, "Os gímnicos dançam com as putas sobre as colinas da vida e caçoam o gordo Sileno pela sua sobriedade", pois Sileno é o personagem contrário a comunidade gímnica nesta sentença e por isso é caçoado, que outrora é a paráfrase da paráfrase de Oscar Wilde, do quase-final do capítulo três do livro traduzido por João Do Rio, "dançando como uma bacante sobre as colinas da vida e mitigando o gordo Sileno pela sua sobriedade". Um ponto interessante é que no exercício da paráfrase o sentido original da frase é mudado, uma vez que em Oscar Wilde diga que o corpo dos loucos arca uma filosofia libertária e um modo de vida contrário do sério. Enquanto em Dinis Calixto o corpo de Sileno é o destaque como contrário ao corpo do gímnico onde o último, por sua vez, é o sério e simultaneamente Sileno é o corpo livre, ou seja, inverte o sentido dado aos loucos e ao Sileno, colocando, na frase original, os gímnicos na posição de Sileno e os loucos na posição de Sileno.

Sileno, conhecido como "O Rei Beberão", é descrito em muitos livros como um semideus corpulento, mentor e servo de Dionísio. Ele é considerado filho de Pã ou, de acordo com algumas interpretações, de Hermes e Géia. Sua representação típica é a de um idoso careca, com um nariz achatado voltado para cima, perpetuamente embriagado, frequentemente montado em um burro ou acompanhado por sátiros. Ele seguia o cortejo do deus em todos os lugares, e de sua embriaguez ecoava a voz mais profunda da sabedoria e da filosofia, conforme registrado no livro "O Nascimento da Tragédia: Helenismo e Pessimismo" de Nietzsche, traduzido por J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 2007, p. 145.





Figura 2 – *El triunfo de Baco* 1636 - 1638. Óleo sobre lienzo, 180 x 295 cm Escalera Noroeste P1. Fonte: Museo del Prado.



Disponível em: <https://www.museodelprado.es/coleccion/artista/vos-cornelis-de/adbe4320-d6c5-4cfc-999a-40c17fd8f10b> Acesso 03 de nov. 2023.

Diante do exposto, infere-se que os corpos em não conformidade com a retidão e eficácia pautadas nos modelos indicadores do referencial de humanidade, estariam fadados ao expurgo social. O fato de se identificar indícios de certas práticas de exclusão a determinados corpos em nossas escolas, sugere um engendramento padronal, indicando a manutenção de uma busca incondicional da retificação do corpo, pautada em modelos perduráveis desde o século XIX, não obstante, **muitas vezes estivesse maquiada pelos mais variados discursos e métodos** (LINS RODRIGUES, 2013, p. 30, grifo meu).

Quando refere-se a manutenção de uma busca incondicional da retificação do corpo, não obstante há muito que esteja maquiado, o rosto é lindo e perfeito, mas a maquiagem não é suficiente; É manifesto que o corpo de Sileno, o gordo, arrisca-se a ser sumariamente banido da comunidade gímnica, visto que a validação do corpo do ginasta é um consenso popular que o proclama como o corpo mais refrescante do verão mais ardente, o mais eficaz e sedutor nos moldes das molduras de mármore grego, perpetuamente reverenciadas. Esses moldes também denotam a identidade que impõem aos membros de sua etnicidade e comunidade selecta.

Por sua vez, Sileno representa o corpo mais mirrado, caloroso, menos útil, longe dos hábitos de higiene “civilizados”, pouco cativante, físico e intelectualmente circuncidado, isto é, como os gímnicos o qualificam, segundo suas próprias percepções opinativas⁶.

⁶ Neste parágrafo, fica claro como Sileno representa o corpo físico e psíquico ao contrário do corpo gímnico. Mas, fora da literatura tipicamente acadêmica desta prosa, o corpo esquizofrênico ou corpo de Asperger, corpus schizophrenicum, corpus Asperger — ou psicótico/cognitivo — pode ser visto como um corpo estranho ao corpo popular/comum, tanto nas suas manifestações físicas como nas suas manifestações psíquicas e linguísticas — leia-se o estudo de Wasney de Almeida Ferreira, de 2010. Um exemplo é a estrutura linguística desses transtornos, ou seja, a singularidade de sua linguagem, sua manifestação linguística, que revela uma unidade na organização e expressão cognitiva, possivelmente até mesmo no seu sistema e método de aprendizagem. Portanto, o corpo psicótico/esquizofrênico e de Asperger é um corpo único, fora do comum e por esta razão perfeito — logicamente sua beleza única é mais plausivelmente compreensível quando moderada por meio de tratamentos farmacológicos e psicoterapêuticos. Por mais que o homem comum se diga único, ele não é um enigma tão único quanto o





Continuando a transitar pelo fator "moral" como direcionador do trabalho da educação do corpo, vale à pena lembrar Foucault ao se pensar no sentido por ora dado aos presentes escritos. O autor cogita sobre a **escala do controle**, sugerindo uma não restrição apenas do corpo como uma unidade indissociável, mas **sujeita a um trabalho detalhado**, exercendo sobre ele uma coerção sem folga, **a fim de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica, dos movimentos, gestos, atitudes, rapidez**: o desígnio do poder infinitesimal sobre o corpo ativo (2009, p. 132-133). Ou seja, as **técnicas disciplinares de controle ganham sofisticação** ao longo dos séculos XVII e XVIII, **assumindo o papel de fórmulas gerais de dominação**, diferenciando-se da escravidão, domesticidade, vassalidade, ascetismo e do monasticismo (Ibidem, p. 133). **A partir daquele momento histórico, as disciplinas e as conseqüentes técnicas disciplinares, têm como principal finalidade um alargamento de cada sujeito sobre o seu próprio corpo** (Ibidem, loc. cit.). **Corpos bem disciplinados não cedem espaço a distanciamentos do referencial de humanidade hegemonicamente proposto** (LINS RODRIGUES, 2013, p. 30, grifo meu).

Pois bem, as práticas de exclusão e desmoralização na comunidade gímnica não são um fato recente, pois o projeto de estabelecer padrões corporais vem de tempos remotos juntamente com o estabelecimento de padrões psíquicos — ou então um modo comum de imaginar, raciocinar e pensar —, visando perpetuar um modelo humano supostamente eterno em seu “lugar fortaleza”, embora o discurso moralista desses ginastas seja hipócrita e intrinsecamente vazio de boa moral. Por outro lado, não é uma observação precipitada afirmar que um praticante inútil da ginástica se dedica a domar cavalos em textos traduzidos ou mal revisados por editoras de qualidade duvidosa — ou seja, sob a égide de editoras de reputação mais incerta que as previsões meteorológicas de um mágico de circo ambulante, como a majestosa Martin Claret —, enquanto permanece confinado em sua própria “Laputa”⁷ flutuante — esta é, de fato, uma observação madura.

O indivíduo desinteressante e destituído de talento para a ginástica, ocioso e corpulento, difícil de ser entendido ou de despertar empatia — onde seu pensamento e fala são habitualmente invalidados, seja como distúrbios intelectual, cognitivo ou de linguagem, ou seja, que ignora a gramática culto do raciocínio e do pensamento em prol de um déficits de linguagem e cognição — que se entrega a devaneios improdutivos, insensatos, estúpidos, longe dos valores da moralidade em critério de vida, ri solitariamente pelos cantos, imita diferentes vozes durante o dia, escuta músicas sem profundidade, lê livros com uma compreensão superficial e escreve em seu diário sobre suas suposições delirantes em relação ao futurismo de uma sociedade altamente tecnológica — isto é, uma tecnologia impossível de tal inventar —, é, em resumo, um verdadeiro excêntrico, um *outlier*, o próprio estranho no meio da comunidade gímnica. Tal são para os gímnicos como criaturas feias e parecidas com “demônios”.

psicótico/esquizofrênico e o corpo de Asperger. Seria mais do que perfeito, belo, modelar se Sileno nesta literatura fosse a genuinidade do psicótico/esquizofrênico — busque pelos trabalhos supervisionados por Nise da Silveira, uma suposta materialização do corpo psíquico não-gímnico, preferivelmente em “Imagens Do Inconsciente: Com 271 Ilustrações”. Editora Vozes, 2015 — ou da síndrome de Asperger. O mundo tem uma enorme dívida com estudos, pensamentos, expressões acerca da esquizofrenia e do TEA, pois muito há falta — Sileno, o corpo psicótico ou corpo de Asperger?

⁷ “Laputa” é uma ilha voadora fictícia que aparece no livro “As Viagens de Gulliver” escrito por Jonathan Swift. Esta obra foi publicada em 1726 e é uma sátira que conta as aventuras de Lemuel Gulliver, um médico e navegador, em várias terras distantes.

Laputa é uma das terras que Gulliver visita em suas viagens. Trata-se de uma ilha voadora habitada por cientistas e acadêmicos que estão tão absorvidos em seus estudos e teorias abstratas que negligenciam completamente o mundo real. A ilha é mantida suspensa no ar por meio de irmãos gigantes, e seus habitantes passam a maior parte do tempo envolvidos em atividades intelectuais, como cálculos matemáticos e experimentos científicos extravagantes, mas que têm pouca ou nenhuma aplicação prática.

A representação de Laputa é uma crítica à excessiva abstração e desconexão da realidade que Swift via em certos aspectos da sociedade intelectual e científica de sua época. A ilha voadora simboliza a negligência das questões práticas e das necessidades do mundo real em favor de um foco exagerado na teoria e na especulação intelectual.





Entretanto, abordaremos mais a questão da “ginástica”: o movimento Dadá, por exemplo, se mantém à margem dos círculos intelectuais, da mesma forma que esses círculos tendem a rejeitar o espírito não convencional do Dadá, que, por sua vez, se distancia da academia devido à sua expressão intelectual — o Dadá é um exemplo de exercício de corpo moral e psíquico — *corpus moralis, psychicus* — fora da regra da comunidade gímnica, leia *O Manifesto do Sr. Antypirina*⁸. Os moldes de controle acadêmico não acomodam a natureza fora dos padrões do Dadá, e essa recusa é recíproca.

Percebe-se que o *outlier*, mesmo que não se curve ao extremismo intelectual — tal como o Dadá —, que é característico da comunidade gímnica, ingressa na academia em busca de uma oportunidade para desafiar e desenvolver um órgão não-conforme. A academia, por sua vez, resiste fortemente a essa busca, já que ela busca manter seu domínio e controle rígidos. Contrariamente à abordagem dos gímnicos, o *outlier* não emprega argumentos de dominação e controle, mas sim adota argumentos desenfreados, volúveis e indomáveis. Portanto, ele é capaz de criar textos acadêmicos inconcebíveis sem transgredir as convenções editoriais. Enquanto os mentores acadêmicos têm o objetivo de promover a conformidade com os padrões predominantes de identidade e moralidade gímnica, mantendo a estabilidade do lugar mecanizado, embora o *outlier* desafie esses padrões, moldando seu próprio corpo de forma flexível e de acordo com o realismo grotesco do “estranho sinistro”.

Uma pergunta que se coloca a respeito desse estudo é a seguinte: a comunidade dos gímnicos foca no corpo do texto, na conformidade com as normas acadêmicas, na integridade do caráter ou no corpo físico? A resposta é que se trata de todos esses aspectos e mais. A moralidade que rege o corpo dos gímnicos orienta o processo de educação corporal e psíquica na academia, estabelecendo uma escala evidente de controle. De fato, um corpo bem disciplinado, em termos de escrita, raciocínio, imaginação, pensamento, como simultaneamente também em termos de conduta, maneiras, ações, comportamento não admite divergências em relação ao molde imposto pela etnicidade dominante. Tem-se por exemplo a cultura do esparrilho acadêmico — ou não apenas acadêmico, mas alcançando outras instâncias da vida cotidiana.

Porém, ao se buscar na história da correção dos corpos ou na “Le corps redressé”, [...] esquadrinha-se que a partir do século XVII, segundo o próprio autor citado por Sant’Anna (2005), os aparelhos corretores da estética invadem a medicina baseados nos princípios de estiramentos ou pressões retificadoras, utilizadas segundo o princípio de funcionamento das máquinas simples (p. 22). Essa concepção de corpo máquina ganha destaque nesse mesmo século, em virtude dos instrumentos corretores utilizados nesse período não se atrelarem exclusivamente aos limites da medicina. Porém, ao se buscar na história da correção dos corpos ou na “Le corps redressé”, [...] esquadrinha-se que a partir do século XVII, segundo o próprio autor citado por Sant’Anna (2005), os aparelhos corretores da estética invadem a medicina baseados nos princípios de estiramentos ou pressões retificadoras, utilizadas segundo o princípio de funcionamento das máquinas simples (p. 22). Essa concepção de corpo máquina ganha destaque nesse mesmo século, em virtude dos **instrumentos corretores** utilizados nesse período **não se atrelarem exclusivamente aos limites da medicina** (LINS RODRIGUES, 2013, p. 31, grifo meu).

Ainda partindo da concepção do grande e magnífico mestre Lins Rodrigues (2013, p. 29):

⁸ Primeira Aventura Celestial do Senhor Antypirina. T. Tzara. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1OQGeB49_KELVwxcFdS0WKYVlx72FikwK/view?usp=sharing acesso 17 de nov. 2023.





O dever de corrigir posturas físicas acaba por se tornar um **corolário das normas sociais e morais impostas ao modelo de ser humano aspirado como representante da sociedade**. Ao ter sua migração para a educação, as técnicas de correções posturais ganham um status de importância bastante significativo dentro do entendimento da escolarização. Em conformidade com **o projeto de sujeito almejado** para o século XVIII, onde a burguesia assumira o poder por meio de suas revoluções, **tem-se nos aparelhos corretores um eficaz instrumento de contenção dos alunos**. Há uma intervenção nas atitudes de um poder magistral por meio de gestos aparentemente insignificantes, mas que têm a propriedade de potencializar as condutas para corrigi-las ou reforçá-las (SANT'ANNA, 2005, p. 27), de acordo com os intentos pretendidos. O dever de corrigir posturas físicas acaba por se tornar um corolário das normas sociais e morais impostas ao modelo de ser humano aspirado como representante da sociedade. Ao ter sua migração para a educação, as técnicas de correções posturais ganham um status de importância bastante significativo dentro do entendimento da escolarização. Em conformidade com o projeto de sujeito almejado para o século XVIII, onde a burguesia assumira o poder por meio de suas revoluções, tem-se nos aparelhos corretores um eficaz instrumento de contenção dos alunos. Há uma intervenção nas atitudes de um poder magistral por meio de gestos aparentemente insignificantes, mas que têm a propriedade de potencializar as condutas para corrigi-las ou reforçá-las (SANT'ANNA, 2005, p. 27), de acordo com os **intentos pretendidos** (LINS RODRIGUES, 2013, p. 31-32, grifo meu).

Assim como um campo onde um indivíduo trilha seu caminho, ele se depara com diversos obstáculos, representados pelos intrincados trabalhos dessa oligarquia dominante gímnica — interferindo no modo de heutigogia autogerida que é o convencional não-gímnico —, que buscam impor uma doutrinação em prol de uma única cultura, de maneira estranha. Isso significa que o sujeito é deliberadamente detido, retardando-o, a fim de legitimar uma cultura superior por meio da "lapidação" de sua identidade. O etnocídio é evidente por meio das agulhas da correção diária aplicadas gradualmente ao corpo, esculpindo a aprendizagem por meio dos furos da agulha longa e fina. O que mantém o indivíduo na esfera dos impostores são as pequenas técnicas de controle, constantemente aprimoradas, que substituem as antigas fórmulas gerais de dominação, o espartilho. Os exemplos das hipocrisias das redes sociais desempenham um papel crucial na forja e manutenção da ferramenta de correção dos corpos dissidentes. Outro método, que se apresenta como uma fórmula geral e refinada nos dias atuais, reside nas intervenções nos plásticos corporais ou corpos plásticos, que são moldados e estendidos por meio de procedimentos cirúrgicos — deduz-se que não apenas em procedimentos cirúrgicos tangíveis —, tornando-se um exemplo da técnica corretiva que elimina qualquer expressão física de emoção e empatia — isso suscita a questão de se esse procedimento estético está limitado aos corpos físicos ou se há uma rede econômica e governamental moldando-os de modo flexível psicologicamente —, o *plastticismo-apático* [?].

Neste estudo já se desvelou uma discussão latente, ainda que velada, a respeito da diferenciação entre o aluno que se dedica às regras gímnicas e o estudante não versado no gímnico. Por ora, concentremo-nos no mestre gímnico, cuja atuação transcende as meras técnicas de moderação do corpo e da cognição. Ele é um professor que vai além das técnicas autoritárias, guiado por instrumentos de controle que não se limitam à simples contenção. O corpo e a cognição, ao invés de serem regidos por mecanismos arcaicos — que é tão pior quanto o próximo —, cedem lugar a uma intervenção mais ampla — e tão horrível quanto a primeira —, distanciando-se de uma influência indireta sobre as





forças interiores do indivíduo. Isso resulta em um meticuloso domínio sobre si mesmo, o que por sua vez carrega o paradoxo de uma forma de dominação que, em suas nuances mais refinadas, promove a construção de uma autonomia mais sofisticada — se não heteronomia velada.

Nota-se que o mestre gímico exerce sua disciplina através de técnicas de treinamento que supervisionam de perto todas as atividades, estandardizando o processo de aprendizagem e orquestrando as forças produtivas para extrair mais do que simples bens e riquezas dos corpos, tanto mentais quanto físicos. Isso estabelece uma conexão inextricável entre o crescimento econômico e o poder, com o desempenho do aparato de controle exercendo um papel fundamental na equação e começando pelos meios de governança dos corpos partidos do pastoralismo cristão — *id. est.*, mecanismos arcaicos sempre se sofisticando — deslizando pela senda da sofisticação desde então.

No século XV, cogita-se a partir dos versos gravados por Lins Rodrigues (2013, p. 33), vislumbram-se alterações significativas no âmbito do sistema de ensino, incluindo os primeiros experimentos naquilo que, nos dias de hoje, poderíamos chamar de "sala de aula" ou, de maneira mais acurada, um "projeto de lugar fortaleza". Nesse contexto, a própria fortaleza representa a fábrica, ou, de forma mais apropriada, o local de forja, onde a instituição de ensino se configura como um teste destinado a moldar a *docilização* do corpo e da mente. Desse forno de educação emerge, então, um projeto que se assemelha a uma incubadora⁹, destinado a gerar cidadãos prontos para adentrar as linhas da fábrica. Este complexo sistema opera, em sua engenhosidade, sob a égide do professor que aceita a tarefa de confinar, educar e, assim, inculcar a necessária submissão às normas cotidianas — tal sendo aqui a norma gímica.

Esse ambiente escolar, reflete-se com base nas palavras de Lins Rodrigues (2013, p. 33), situado distante das margens da vida nas ruas, encerra uma inovação tão intrigante quanto sinistra. O professor, em sua posição, encara o desafio de governar não somente os corpos de seus pupilos, mas também suas mentes. Ele se insere numa estrutura que adota o modelo militarizado como o único ponto de referência para a disciplinarização em massa. A capacidade de guiar e controlar, sob um olhar metódico, é o cerne da questão que tal educador encara como parte inerente dessa regra educativa peculiar que estabelece o "projeto de lugar fortaleza".

Relações entre a **retidão** e a **educação moral** foram **reforçadas** no século XIX quando Amoros faz da mesma o **principal foco** de seu trabalho, **utilizando a ginástica** como meio mais eficaz para educar, pois para tal ato a finalidade-mor se consistia em criar normas de conduta, **incorporadas** de maneira **particular pelos sujeitos**, refletidas socialmente em seus eus comportamentos (LINS RODRIGUES, 2013, p. 33-34, grifo meu).

Portanto, o intrincado processo de conformidade corporal e, atualmente, mental, tecido nas entranhas da existência, firmou os alicerces de um paradigma da humanidade que, com mãos cruéis e inquebrantáveis, sustenta as ordens da sociedade brasileira contemporânea. Alicerçado na *monocorporificação* — *i. e.*, se refere a um processo ou paradigma que busca impor uma única visão

⁹ Quando se trata nesta pesquisa sobre uma possível heteronomia velada por forças econômicas, partem do projeto "lugar fortaleza" e, na verdade, de uma incubadora que condiciona o indivíduo a agir em uma realidade econômica que as próprias forças econômicas tendem para as cordas invisíveis de uma heteronomia e autonomia falsa, forjando o que se pensa sobre "realidade artificial" em "A Efeméride Do Turista Na Compreensão Do Lugar", livro um da futura coleção. Tal conceito substitui a ideia de bolha-social, pois uma hora a bolha estoura e a condição que se vê dos indivíduos na sociedade é um não cair em si, mas um permanente simulacro.





ou modelo de corpo como padrão aceitável, desconsiderando ou suprimindo a diversidade de formas corporais que existem na sociedade —, ou seja, no intento de moldar o corpo sob uma única perspectiva modelar — que neste trabalho diga-se por modelo gímnico —, sem deferência às múltiplas facetas da experiência humana, esse paradigma engendra artifícios que censuram toda dessemelhança corpórea, como se fossem miragens, em consonância com a visão míope que predomina no âmbito educacional brasileiro.

Agora, elevemo-nos ao âmbito do "lugar fortaleza", à fábrica, esse recanto de labores e enigmas. O "lugar fortaleza" se erige como um pilar crucial na forja da condição humana, no seio das tramas sociais sob o manto do capital. Essa forja, não se restringe às salas de ensino, pois se estende ininterruptamente ao recinto laboral. A educação profissional, que não encerra seu desvelar antes da inserção no mercado, perdura mesmo após o trabalhador ter se desligado desse âmbito.

Hugo Silva (2020, p. 11-28) ressalta com fervor a relevância da corporalidade no processo de formação humana, enfatizando que o corpo se insere como um elemento intrínseco na existência e na ação do laborioso indivíduo. Ademais, o corpo do *laborador* se curva e se impregna sob o jugo do trabalho que desempenha, moldando até mesmo a sua morfologia física. O desdobramento laboral, com seu esmerado arranjo e rigoroso domínio pelas mãos do capital, imprime no corpo dos trabalhadores distintas marcas, algumas que se vislumbram nitidamente, tais como a metamorfose física em resposta às necessidades laborais, e outras, que permanecem ocultas aos olhos, como o tormento, a exaustão e o sofrimento que derivam da cruel teia de relações sociais que permeia o trabalho.

A corporalidade dos bravos trabalhadores, moldada segundo as palavras sábias de Hugo Silva (2020, p. 11-28), é, sem dúvida, o campo onde se entrelaçam as teias de dominação, onde classe, gênero e raça convergem em uma sinfonia de poder. O corpo do trabalhador se torna um teatro onde se desenrolam intrincadas estratégias de resistência, um reflexo das complexas relações de força no âmbito laboral.

A pedagogia industrial, que se desdobra em territórios inexplorados, abraçando também a andragogia, é uma força que transcende a mera instrução profissional. Ela tem origem na escola, mas sua influência perdura, como um rio perene, no "lugar fortaleza" da atividade laboral. Ela se empenha em treinar os operários conforme as demandas insaciáveis do capital, moldando suas aptidões, pensamentos e talentos de acordo com os desígnios da produção. A formação humana, dentro desse contexto, torna-se um elemento inalienável das estratégias de supremacia do capital, como sabiamente apontado por Hugo Silva (2020, p. 11-28).

É mister frisar que a pedagogia industrial e até mesmo a andragogia desvelam-se em distintas roupagens nos diversos rincões laborais, a depender da índole e estrutura dos processos produtivos. Entretanto, em todo reduto onde germina a mais-valor — seja ela relativa ou absoluta —, ergue-se uma intencionalidade sistemática para a instrução dos operários, almejando a perpetuação da força laboral e sua adaptação aos anseios do capital, conforme eruditamente argumentado por Hugo Silva (2020, p. 11-28).

Por seu turno, a relação entre o labor e a educação do corpo se desenha como um território acadêmico recente e ainda não devidamente sondado, de acordo com as ponderações de Hugo Silva (2020, p. 11-28). A educação do corpo está intrinsecamente ligada à tessitura social do labor, uma vez que suas práticas arraigam-se nas necessidades do sistema industrial em ascensão. A ginástica, *exempli gratia*,





floresceu como uma disciplina voltada a otimizar o tempo, a energia e a saúde dos operários, refletindo uma ideologia conciliatória entre as classes sociais na sistematização do trabalho e das relações sociais.

Em síntese, o "lugar fortaleza" desponta como o recinto onde o ânimo laborioso se curva e se *insculpe* nas arestas do labor, revelando-se como o recanto onde se entrelaçam as tramas das relações sociais subjacentes à dominação. A pedagogia e a andragogia industriais, figuras tutelares, desempenham um papel ímpar na forja dos obreiros, harmonizando-os com os ditames do capital. A relação entre a labuta e a doutrinação do corpo é um campo pouco arroteado, porém, derrama luz sobre o modo como a ordem social laboral insinua-se nas artes educativas, aquelas atinentes ao corpo e à saúde dos laborantes.

3. CONCLUSÃO

O que se trata aqui é, em maioria, o antônimo do povo gímnico que assemelha-se ao que é aquele que se intromete nas condutas de um poder exemplar, impondo-se por meio de ações aparentemente desimportantes, porém com o poder de influenciar uma conduta menos nobre, com o objetivo de moderá-la ou fortalecê-la. Essa busca incessante por controle é um traço marcante das técnicas de dominação do povo gímnico, que se tornam cada vez mais refinadas, visto que sempre há alguém ultrapassando os limites dos mecanismos de contenção. A civilidade, representada pelo espartilho, muitas vezes age de maneira inconsciente, ao passo que a sanção pela força da prática, isto é, a imposição da pureza como forma indireta de dominação, é refletida nos hábitos individuais.

E é assim que se molda o indivíduo *pelo condicionamento de um referencial identitário*, para que ele possa ser moldado à imagem e semelhança dos poderosos, identidade-referência, cada um mantido em seu lugar para que o colossal possa governar sua conduta, sua norma e seu aprendizado, e assim extrair lucro dessa força de trabalho. O estudo minucioso revela a rigidez dos padrões de identidade, moralidade e conformidade estabelecidos pela comunidade gímnica. A incessante busca pela correção, disciplina e uniformidade dos corpos e mentes reflete essa ideologia dominante. Aqueles que não se encaixam nesses padrões são marginalizados e ignorados. A academia, enquanto espaço de poder e perpetuação dessas normas, precisa ser reavaliada e reformulada para promover uma educação mais justa e inclusiva.

Mas importa salientar que o antisoro desse veneno que é o poder, o qual consiste no condicionamento da outorga de poder através da identidade-referência que forja uma realidade artificial, reside na *conscientização dos processos de conduta e cognição do indivíduo*, isto é, no reconhecimento do próprio corpo, seja psíquico ou físico. Tal reconhecimento nos conduz a uma futura exploração nos meandros de Magaret, pois ao reconhecer o próprio corpo, torna-se possível guiar, sem que haja um controle minucioso e estreito, esse corpo, e, portanto, por meio da alteração do foco, numa questão gestáltica, sugere-se que ao modificar a identidade-referência à qual se atribui o poder, altera-se também o local do poder, uma vez que este local é fluido — reconhecimento do próprio corpo, lugar de poder e realidade artificial são teorias para se abordar futuramente.

A análise também ressaltou a importância de reconhecer e valorizar a diversidade cultural e de corpos, fomentando uma educação que permita que todos os indivíduos expressem-se e se desenvolvam plenamente, sem serem forçados a se adequar a um padrão predefinido. Superar essas normas





opressivas requer uma revisão profunda dos sistemas educacionais, priorizando a celebração das diferenças e o respeito pela singularidade de cada aluno — *que em outras palavras pode-se resumir por alterar o condicionamento sempre renovado por meio da identidade-referência*. Essa transformação, guiada pelos princípios da igualdade e da emancipação social, é fundamental para construir uma sociedade mais justa e inclusiva, na qual todos tenham a oportunidade de florescer plenamente, sem serem aprisionados por padrões opressivos de identidade, mentalidade e moralidade.

4. REFERÊNCIAS

CARDOSO, C. R. Pesquisa quantitativa e qualitativa em Sociolinguística: dadaísmo metodológico?. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 23, n. 46, 30 jul. 2013.

JUNIOR, Antonio Djalma Braga; SANTOS, Ivanildo Luiz Monteiro Rodrigues dos. **SILENO: EDUCADOR DE DIONÍSIO**. Basilíade – Revista de Filosofia, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 35-46, jan./jun. 2020.

LINS RODRIGUES, Antonio Cesar. **Corpos e culturas invisibilizados na escola: racismo, aulas de educação física e insurgência multicultural**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.48.2013.tde-02072013-134016. Acesso em: 2023-10-22.

SILVA, Hugo Leonardo Fonseca da. **Trabalho, Corporalidade e Formação Humana**. 1. ed. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2020, p. 11-28.

